

CAMILLA LÄCKBERG

Mais de 26 milhões de livros vendidos



A GAIOLA DE OURO

A VINGANÇA DE UMA MULHER É BELA E BRUTAL

A GAIOLA DE OURO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

CAMILLA
LÄCKBERG



A GAIOLA DE OURO



Título original: *En bur av guld*

Copyright © 2019 por Camilla Läckberg
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Originalmente publicado pela Bokförlaget Forum, Suécia.
Publicado mediante acordo com a Nordin Agency AB, Suécia.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Åkesson

preparo de originais: Lucas Bandeira

revisão: Luis Américo Costa e Luíza Côrtes

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Scandinavian Group Design

imagem de capa: Erik Undéhn

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

foto da autora: Magnus Ragnvid

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L145g

Läckberg, Camilla

A gaiola de ouro [recurso eletrônico]/ Camilla Läckberg; tradução de
Fernanda Åkesson. São Paulo: Arqueiro, 2020.
recurso digital (Revenge; 1)

Tradução de: The golden cage

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-306-0148-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção sueca. 2. Livros eletrônicos. I. Åkesson, Fernanda. II. Título.
III. Série.

20-62966

CDD: 839.73

CDU: 82-31(485)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PARA CHRISTINA

SUMÁRIO

Primeira Parte

Segunda parte

Terceira parte

Agradecimentos

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro

PRIMEIRA PARTE

– Será que ela não está só ferida? – perguntou Faye.

Ela fitou a mesa, sem conseguir enfrentar os olhares.

Um breve momento de hesitação. Então ouviu uma voz comovida:

– É sangue demais, ainda mais para um corpo tão pequeno. Mas não quero especular antes que um médico-legista faça uma avaliação.

Faye concordou. Alguém lhe entregou um copo com água e ela o levou aos lábios, mas tremia tanto que algumas gotas escorreram pelo queixo, molhando sua blusa. A policial loira de olhos azuis gentis se aproximou, estendendo um lenço de papel.

Ela se secou devagar. A água deixaria manchas desagradáveis em sua blusa de seda. Não que isso tivesse importância naquele momento.

– Não há nenhuma dúvida? Nenhuma mesmo?

A policial olhou para a colega, balançando a cabeça. Ela escolheu as palavras com cuidado:

– Como eu disse, um médico deve avaliar com base naquilo que foi encontrado no local do crime. Mas, até agora, tudo aponta para uma direção: Jack, seu ex-marido, matou a filha de vocês.

Faye fechou os olhos, sufocando o choro.

Julienne finalmente adormecera. Seus cabelos se espalhavam sobre o travesseiro rosa e ela respirava tranquilamente. Faye acariciou seu rosto de leve para não despertá-la.

Jack voltaria de Londres naquela noite. Ou seria de Hamburgo? Faye não se lembrava. Ele chegaria em casa cansado e estressado, mas ela daria um jeito de ele relaxar de verdade.

Fechou a porta do quarto com cuidado para não acordar Julienne, foi até o saguão de entrada e verificou se a porta estava trancada. Na cozinha, passou a mão sobre a bancada. Três metros de mármore branco. Carrara, é claro. Infelizmente, não era nada funcional, pois a pedra porosa absorvia tudo como uma esponja e já apresentava algumas manchas feias. Nem passara pela cabeça de Jack, porém, escolher algo mais prático. A cozinha do apartamento na rua Narvavägen tinha custado quase 1 milhão de coroas suecas, e eles não economizaram em absolutamente nada.

Faye apanhou uma garrafa de vinho Amarone e pôs uma taça sobre a pia. A taça encostando no mármore, a bebida preenchendo o recipiente de cristal – esses sons eram a essência de suas noites quando Jack estava longe. Ela se serviu com cuidado, para que não surgissem mais manchas de vinho tinto no mármore branco, e fechou os olhos ao levar a taça aos lábios.

Diminuiu a intensidade da luz e foi ao saguão, onde estavam pendurados os retratos em preto e branco dela, de Julienne e de

Jack. As fotografias tinham sido feitas por Kate Gabor, a fotógrafa não oficial da princesa herdeira, que todo ano tirava fotos adoráveis das crianças da família real brincando com as folhas do outono em roupas muito brancas. Ela e Jack escolheram fazer as fotos no verão. Apareciam relaxados à beira-mar, Julianne entre os dois, o vento soprando seus cabelos claros. Vestiam roupas muito brancas, é claro. Faye usava um vestido Armani simples de algodão; Jack, camisa e calça Hugo Boss com a barra dobrada; e Julianne estava em um vestido de renda da coleção infantil da Stella McCartney. Eles tinham discutido um pouco antes de as fotos serem tiradas. Ela não lembrava qual havia sido o motivo da discussão, apenas que fora culpa sua. Nada disso podia ser percebido nas fotos.

Faye subiu as escadas. Parou, hesitante, em frente à porta do escritório de Jack e a abriu em seguida. O cômodo ficava no alto de uma espécie de torre com vista para os quatro pontos cardeais. Era um aposento único em um imóvel único, como o corretor havia argumentado quando lhes mostrara o apartamento, havia cinco anos. Na época, Faye estava grávida de Julianne e cheia de esperanças no futuro.

Ela adorava o cômodo na torre. O espaço amplo e a luminosidade vinda das janelas a faziam sentir que estava voando. Agora que tudo estava escuro lá fora, as paredes abobadadas a envolviam como um casulo morno.

Havia decorado o local de acordo com o seu gosto, assim como o restante do apartamento. Tinha escolhido os papéis de parede, as estantes, a escrivaninha, as fotografias e os quadros para as paredes. Jack tinha adorado o resultado. Ele nunca questionava seu gosto e ficava imensamente orgulhoso quando as visitas lhe pediam o telefone do seu decorador.

Naqueles momentos, ele a deixava brilhar.

Os outros cômodos tinham estilo contemporâneo, em cores claras e leves, mas o escritório de Jack era um tanto masculino. Mais pesado. Ela colocara mais energia ali do que no quarto de

Julienne e no restante do apartamento. Jack passaria muito tempo no local e tomaria decisões importantes, que afetariam o futuro da família. O mínimo que ela podia fazer era lhe proporcionar um lugar sossegado lá em cima, logo abaixo das nuvens.

Faye passou a mão, satisfeita, sobre a escrivaninha rústica que pertencera a Ingmar Bergman e que ela tinha adquirido no leilão da Bukowski. Jack não era um fã de Bergman, preferia filmes de ação com Jackie Chan ou comédias com Ben Stiller, mas, assim como ela, apreciava móveis com história.

Quando mostravam o apartamento para as visitas, Jack sempre batia a mão na escrivaninha duas vezes, contando casualmente que aquele belo móvel tinha pertencido ao diretor mundialmente famoso. Faye sorria, pois sempre que ele dizia essas palavras seus olhares se encontravam. Era uma das mil coisas que compartilhavam em sua vida em comum. Aqueles olhares de intimidade, aqueles pequenos momentos significativos e irrelevantes que formavam a base de um relacionamento.

Ela se acomodou na cadeira junto ao computador e girou-a, ficando com o rosto voltado para a janela. A neve caía lá fora, derretendo-se ao atingir a rua lá embaixo. Quando Faye se aproximou mais da janela, pôde ver um carro com dificuldade para sair do lugar naquela noite escura de fevereiro. Na rua Banérgatan, o motorista virou, desaparecendo em direção ao centro da cidade. Por um instante ela se esqueceu do que pretendia fazer ali no escritório de Jack. Era muito fácil se perder na escuridão, hipnotizada pelos flocos de neve que caíam atravessando o breu.

Faye piscou, empertigou a coluna e virou a cadeira para a imensa tela do Mac, depois mexeu no mouse e o aparelho ganhou vida. Ficou pensando no que Jack teria feito com o mouse pad que ela havia lhe dado de presente de Natal, com uma foto dela e de Julienne. Ele tinha colocado ali um mouse pad azul muito feio do Nordea, que havia sido um presente de Natal para os clientes do banco.

Ela sabia a senha: “Julienne2010”. Pelo menos a tela de fundo não era uma foto do Nordea, mas dela e de Julienne em Marbella. Elas estavam à beira do mar e Faye levantava a filha com os braços esticados em direção ao céu. As duas davam risada, mas a de Faye, deitada de costas com os cabelos flutuando na água, podia ser mais sentida do que vista. Os olhos azul-claros de Julienne fitavam diretamente a câmera e, através das lentes, os olhos também azuis de Jack.

Faye se aproximou mais um pouco, os olhos analisando seu corpo bronzeado e brilhante de água salgada. Apesar de a foto ter sido tirada poucos meses depois do nascimento da filha, ela estava em melhor forma do que agora. Não tinha barriga. Seus braços eram finos. As coxas, magras e firmes. Hoje, três anos depois, ela pesava no mínimo dez quilos a mais do que naquela foto tirada na Espanha. Talvez quinze quilos. Já nem tinha mais coragem de se pesar.

Desviou os olhos de seu corpo na tela, abriu o navegador e clicou no histórico, onde escreveu “pornô”. Link após link foi aparecendo, ordenados por data. Ela podia rastrear com facilidade as fantasias sexuais de Jack nos últimos meses, como se fossem uma enciclopédia dos desejos sexuais dele. *Fantasias sexuais para idiotas*.

No dia 26 de outubro ele tinha assistido a dois vídeos: “Russa novinha surrada por um pau enorme” e “Magrinha sendo brutalmente martelada”. Diga-se o que quiser do ramo pornográfico, mas os títulos dos filmes eram pelo menos objetivos. Nada de enrolação. Nenhuma tentativa de mascarar, romantizar ou mentir sobre aquilo que seria mostrado e que o espectador queria ver. Era um diálogo direto e aberto, uma comunicação honesta.

Jack assistia a filmes pornográficos desde que ela o conhecesse, e ela também assistia às vezes, quando estava sozinha. Zombava das amigas que afirmavam com convicção que os maridos nem sonhavam em ver um filme pornô. Não passava de hipocrisia.

Jack nunca permitira que seu consumo desses filmes afetasse a vida sexual dos dois. Nunca foram atividades excludentes. Mas agora ele não a procurava mais, mesmo que continuasse buscando satisfação sexual em “Magrinha sendo brutalmente martelada”.

A cada vídeo a que ela assistia, o nó na boca do estômago apertava mais. As garotas eram jovens, magras e submissas. Jack sempre gostara de garotas magras e novas. Não era ele quem tinha mudado, mas ela. Não era assim que a maioria dos homens desejava que suas mulheres fossem? Em Östermalm não havia espaço para envelhecer ou engordar, pelo menos não para as mulheres.

No último mês, Jack havia assistido a um mesmo filme umas sete ou oito vezes. “Colegial baixinha comida brutalmente pelo professor”. Faye deu play. Uma garota de minissaia xadrez, blusa branca, gravata, meias e tranças como as de Píppi Meialonga está com problemas na escola. As maiores dificuldades são em biologia. Seus pais, preocupados e responsáveis, contratam um professor particular e deixam a filha sozinha em casa. A campainha toca; um homem na faixa dos 40 anos, usando um paletó remendado nos cotovelos e carregando uma pasta, está parado à porta. Eles vão até uma cozinha iluminada. A garota pega seus livros didáticos e os abre. Eles estudam os músculos do corpo humano.

– Quando eu disser o nome de um músculo, você me mostra, está bem? – pergunta o professor com a voz grossa.

A garota arregala os olhos, assente e faz beicinho. Ela consegue mostrar dois músculos. Quando ele diz *gluteus maximus*, ela levanta a saia um pouco, mostrando a ponta da calcinha, e aponta para o da virilha. O professor balança a cabeça, sorridente.

– Fique de pé aqui que vou mostrar – diz ele.

Ela empurra a cadeira para trás e se levanta. Ele põe a mão enorme atrás do joelho dela e vai subindo devagar por baixo da saia. Levanta mais a saia da garota e afasta a calcinha para o lado. Enfia um dedo. A garota geme. Um gemido perfeitamente

pornográfico, mas ainda com um toque de espanto inocente e de culpa. Uma confissão ao espectador de que ela sabe que não deveria fazer o que está fazendo. De que aquilo é proibido. Mas ela não consegue resistir. A tentação é forte demais.

Ele faz o dedo entrar e sair algumas vezes. Então a debruça sobre a mesa e a penetra. Ela grita, geme, arranha a mesa. Pede mais. Tudo termina quando ele pede que ela ponha os óculos, que caíram durante o ato, e ejacula no rosto dela. Com a cara distorcida de prazer e a boca entreaberta, a estudante recebe o esperma.

Em nenhum outro lugar como nos filmes pornôns fica tão clara a importância que os homens dão ao seu esperma. Ele é despejado sobre mulheres sedentas e devotadas, de boca entreaberta, como se fosse um presente.

Faye desligou o computador com alguns cliques, deslizando o mouse sobre o retângulo feio do Nordea. Se era isso que Jack queria, era isso que ele iria ter.

Ela empurrou para trás a cadeira, que pareceu ranger de má vontade, e se levantou. Estava completamente escuro lá fora, agora. A neve suave tinha parado de cair. Ela pegou a taça de vinho e saiu do escritório.

No seu closet, Faye tinha tudo de que precisava. Olhou para o relógio. Eram nove e meia. O avião de Jack logo iria aterrissar e em breve ele estaria no táxi a caminho de casa. Obviamente, ele desfrutava de tratamento VIP no Aeroporto de Arlanda, portanto não levaria muito tempo para sair de lá.

Ela tomou um banho rápido e raspou os pelos pubianos, que começavam a crescer. Lavou todo o corpo e se maquiou, não como de costume, mas de maneira mais relaxada e juvenil. Passou bastante blush, exagerou no rímel e, para fechar com chave de ouro, passou um batom rosa-chiclete que encontrou no fundo da caixa de maquiagem e que devia ter ganhado de brinde em algum evento.

Jack não encontraria Faye, sua esposa de sempre e mãe de sua filha, mas uma mulher mais jovem e mais ingênua, imaculada. Era disso que ele precisava.

Ela escolheu uma gravata fina e cinza de Jack, colocou-a no pescoço e deu um nó descuidado. Pôs os óculos de leitura dele, que ele tinha vergonha de usar na frente de outras pessoas e sempre escondia quando recebiam visitas. Eram retangulares, pretos, da Dolce & Gabbana. Faye examinou o resultado no espelho. Parecia dez anos mais nova. Quase como era quando deixou Fjällbacka.

Ela não era a esposa de ninguém. Não era a mãe de ninguém. Estava tudo perfeito.

Faye entrou silenciosamente no quarto de Julienne para buscar um dos cadernos da filha e uma caneta decorada com uma pena cor-de-rosa. Ela parou quando Julienne resmungou algo durante o sono. Ela estava acordando? Não estava, e logo sua respiração voltou a ficar serena.

Faye foi até a cozinha para encher a taça de vinho, mas no caminho abriu o armário dos copos de plástico de Julienne. Encheu de vinho tinto um copo grande da Hello Kitty, com tampa e canudo. Perfeito.

Quando a chave foi girada na fechadura na entrada do apartamento, ela estava sentada lendo a *The Economist*, que Jack sempre insistia em exibir na mesa de centro. Ela era a única da família que realmente lia a revista.

Jack deixou a mala no chão e tirou os sapatos, encaixando-os nas fôrmas de cedro que eram indispensáveis para manter a forma de seus sapatos italianos de couro macio feitos à mão. Faye ficou parada. O batom rosa, muito diferente do discreto brilho para os lábios habitual da Lancôme, grudava na boca e tinha um leve odor sintético.

Jack abriu cuidadosamente a geladeira. Ainda não havia percebido a presença de Faye. Ele se movimentava em silêncio, provavelmente achando que ela e Julienne estivessem dormindo.

Ela o observava da escuridão da sala de estar. Como um estranho espiando pela janela, via o marido sem que ele soubesse. Jack estava sempre muito tenso. Agora, quando achava que ninguém o estava vendo, ele se movimentava de uma maneira diferente. Estava descontraído, quase relaxado. Sua postura, sempre tão ereta, estava meio encurvada, só um pouco, mas o suficiente para alguém que o conhecia bem como ela perceber a diferença. Tinha uma expressão mais suave, sem aquelas rugas de preocupação que ele costumava exibir mesmo em ocasiões sociais e que pareciam tão ligadas a sua carreira, à vida deles, em que as risadas e o tinir dos copos podiam significar a conclusão de um negócio multimilionário no dia seguinte.

Ela se lembrou de Jack ainda jovem, quando se conheceram. O olhar maroto, as risadas alegres, as mãos que insistiam em tocá-la o tempo todo e que nunca se cansavam dela.

A luz da geladeira iluminou o rosto dele e ela não conseguia desviar o olhar. Ela o amava. Amava suas costas largas. Amava suas mãos enormes, que agora levavam a caixa de suco de laranja à boca. Em breve aquela boca estaria nela, ele estaria dentro dela. Meu Deus, como ela o desejava!

Talvez o desejo em seu corpo a tenha feito se mexer, porque de repente Jack virou a cabeça em direção à porta do fogão elegante e viu o reflexo dela. Ele se sobressaltou e se virou. Ainda segurava a caixa de suco a meio caminho da boca.

Pôs a caixa sobre a ilha da cozinha.

– Está acordada? – perguntou ele, surpreso.

A ruga entre suas sobrancelhas delineadas voltou a aparecer.

Faye não respondeu, apenas se levantou e deu alguns passos na direção de Jack. O olhar dele explorava seu corpo. Fazia tempo que ele não a olhava assim.

– Venha aqui – disse ela, em um tom de voz suave mas audível.

Jack fechou a porta da geladeira, fazendo a cozinha mergulhar novamente na escuridão, mas as luzes da cidade lá fora iluminavam

o suficiente para que eles pudessem ver um ao outro. Ele contornou a ilha da cozinha, limpou a boca com o dorso da mão e se inclinou para beijá-la. Ela, porém, virou o rosto para o outro lado e pressionou-o contra uma cadeira. Agora era ela quem mandava. Quando ele estendeu a mão em direção a sua saia, Faye a afastou com um tapa, para segundos depois posicioná-la atrás de seu joelho. Ela levantou a saia para que ele pudesse ver sua calcinha rendada, na esperança de que ele a reconhecesse e percebesse que era igual à dela – da jovem. Da aluna ingênua.

A mão dele foi subindo e Faye não conseguiu conter um gemido. Em vez de afastar a calcinha para o lado como no filme, ele simplesmente a arrancou. Ela gemeu novamente, mais alto dessa vez, e se apoiou na mesa, arqueando o quadril, enquanto ele desabotoava a calça e abaixava a cueca no mesmo movimento. Ele a pegou pelos cabelos e a pressionou contra a mesa. Deitou-se sobre ela com todo o seu peso, mordiscando-a na nuca com vontade, e ela sentiu o cheiro do suco de laranja misturado com o do uísque do avião. Ele afastou as pernas dela com energia e movimentos certos e se posicionou por trás para penetrá-la.

Jack a possuía com força e agressividade, e a cada estocada a borda de mármore pressionava o diafragma dela. Ele a machucava um pouco, mas a dor era uma libertação, fazendo-a esquecer tudo, para que pudesse se concentrar apenas no prazer.

Ela pertencia a ele. O prazer dela era o dele. Seu corpo era dele.

– Me avise quando for gozar – gemeu ela, o rosto apoiado no mármore frio, onde seu batom havia deixado rastros pegajosos.

– Agora – arfou Jack.

Ela se ajoelhou na frente de Jack, que, respirando pesadamente, colocou o membro na boca já aberta da esposa. Segurando a cabeça dela pela nuca com ambas as mãos, ele enfiou até o fundo. Ela lutava para controlar a ânsia de vômito e tentava não virar a cabeça. Era só receber, sempre receber.

Faye viu a cena do filme pornô passar diante de seus olhos e, quando Jack finalmente gozou, apreciou uma expressão igual à do professor quando possuía a jovem virgem.

– Bem-vindo de volta, meu amor – disse ela, com um sorriso forçado.

Essa foi uma das últimas vezes que eles transaram quando ainda eram casados.

Estocolmo, verão de 2001

As primeiras semanas em Estocolmo haviam sido solitárias. Dois anos depois de terminar o ensino médio, fui embora de Fjällbacka, deixando o lugar tanto mental quanto fisicamente. Eu queria me afastar daquela comunidade claustrofóbica o mais rápido possível. Me sentia sufocada por suas ruazinhas pitorescas e pelos olhares curiosos que nunca me deixavam em paz. Levei comigo 15 mil coroas e um boletim com notas máximas em todas as matérias.

Querida ter ido embora mais cedo, mas levava mais tempo do que planejara em detalhes práticos. Vender a casa, me desfazer das coisas e enfrentar os fantasmas do passado.

As lembranças eram muito dolorosas. Quando andava pela casa onde cresci, eu os enxergava em todos os lugares. Sebastian. Mamãe. E, é claro, papai. Não havia mais nada em Fjällbacka para mim. Só fofocas. E morte.

Não houvera ninguém para me dar apoio, muito menos quando parti. Arrumei a mala e peguei o trem para Estocolmo sem olhar para trás.

Jurei nunca mais retornar.

Na estação central de Estocolmo, parei junto a uma lixeira, abri o celular e joguei fora o chip. Agora nenhuma sombra do passado poderia me encontrar. Ninguém mais poderia me ameaçar ou perseguir.

Aluguei um quarto para o verão em um apartamento no prédio do centro comercial Fältöversten, que os habitantes de Östermalm achavam tão horrendo que balançavam a cabeça e murmuravam: “Culpa dos socialistas, que não iam deixar de estragar nosso belo bairro.” Mas naquela época eu não sabia nada disso. Estava acostumada com o supermercado ICA Hedemyrs em Tanumshede e achava o Fältöversten bastante chique.

Amei Estocolmo desde o primeiro instante. Da minha janela no sétimo andar eu via as belas fachadas dos prédios das redondezas, os parques de árvores frondosas, os carros luxuosos, e pensava que um dia iria morar em um daqueles prédios imponentes do século XIX com meu marido, três filhos perfeitos e um cachorro.

Meu marido seria artista plástico. Ou escritor. Ou músico. Completamente diferente de meu pai. Seria um intelectual, sofisticado e cosmopolita. Seria cheiroso, bom e se vestiria muito bem. Seria difícil no trato com outras pessoas, mas nunca comigo, pois somente eu o compreenderia.

Passei aquelas primeiras noites longas e iluminadas andando por Estocolmo. Vi brigas nos becos depois que os bares fechavam. Ouvi gritos, choros, risadas. Sirenes de carros de polícia e de ambulâncias, arriscando-se para salvar vidas. Observava com espanto as prostitutas na área central da cidade, maquiadas como na década de oitenta, usando botas de cano alto e com marcas de seringa na pele muito pálida dos braços, que tentavam esconder sob blusas ou suéteres de mangas compridas. Eu lhes pedia um cigarro e fantasiava sobre a vida que levavam. A liberdade de estar no fundo do poço. Não havia risco de afundarem ainda mais naquele mar de lama. Eu brincava com a ideia de ficar lá com elas algum dia, só para tentar entender como era, que tipo de homem pagava por um momento de prazer no seu Volvo com uma cadeirinha de criança no banco traseiro, além de fraldas e lençinhos higiênicos no porta-luvas.

Foi nessa época que a minha vida começou de verdade. O passado era como uma corrente presa ao meu tornozelo. Era um peso morto, que me incomodava, me travava. Mas cada célula do meu corpo vibrava de curiosidade. Era eu contra o mundo. Estava longe de casa, em uma cidade com a qual sonhara toda a minha vida. Eu não desejara apenas ir embora. Desejara estar exatamente ali. Pouco a pouco, fui fazendo de Estocolmo a minha cidade. Isso me dava esperança de curar as feridas e esquecer o passado.

No início de julho, a minha senhoria, uma professora aposentada, viajou para visitar os netos em Norrland.

– Nada de visitas – me disse ela, autoritária, antes de fechar a porta.

– Nada de visitas – repeti, obediente.

Naquela noite, eu me maquiei e tomei as bebidas dela. Gim e uísque. Licor de cereja e Amarula. Tinham um gosto horrível, mas não importava. Eu estava atrás era da embriaguez, daquela embriaguez que provoca esquecimento e que se espalha como fogo por todo o corpo.

Assim que a bebida me deu coragem, pus um vestido de algodão e fui andando até a praça Stureplan. Depois de hesitar um pouco, acabei me sentando a uma mesa do lado de fora de um bar que parecia agradável. Rostos que eu reconhecia da televisão passavam à minha frente. Todos rindo, embriagados tanto de álcool quanto do verão.

Lá por volta da meia-noite, fui parar na fila de uma boate do outro lado da rua. Todos estavam impacientes e eu não sabia se me deixariam entrar. Eu tentava imitar as outras pessoas, me comportar como elas, e só mais tarde fui entender que elas também deviam ser turistas ali. Estavam tão perdidas quanto eu, mas tentavam aparentar o contrário.

Escutei risadas atrás de mim. Dois rapazes da minha idade contornaram a fila e se aproximaram dos seguranças. Um aceno de cabeça e um aperto de mãos. Todos os olhares repousavam sobre

eles, num misto de inveja e fascinação. Horas me arrumando, dando risadinhas enquanto bebia vinho rosé, para acabar sentindo as pernas geladas atrás de uma corda. Tudo podia ser muito mais simples se eu fosse alguém.

Ao contrário de mim, aqueles dois rapazes eram pessoas conhecidas e respeitadas, que pertenciam àquela sociedade. Eles eram Alguém. Naquele momento, ali onde eu me encontrava, decidi que também me tornaria alguém.

No mesmo instante, um dos garotos se virou e examinou com curiosidade as pessoas que estavam na fila. Nossos olhares se encontraram.

Desviei o olhar e comecei a procurar um cigarro na bolsa. Não queria parecer uma boba, não queria parecer o que eu realmente era, uma garota do interior que pela primeira vez na vida ia a uma boate na capital, ainda sob o efeito do gim e da Amarula roubados. Mas então percebi que ele estava diante de mim. Tinha os cabelos raspados, os olhos azuis e gentis. Orelhas um pouco salientes. Vestia uma camisa bege e calça jeans escura.

– Qual o seu nome?

– Matilda – respondi.

Eu odiava o meu nome. Pertencia a outra vida, a outra pessoa. A alguém que não era mais eu. A alguém que eu deixara para trás assim que subira no trem para Estocolmo.

– Eu me chamo Viktor. Está aqui sozinha?

Não respondi.

– Vai lá para a frente e para ao lado do segurança – disse ele.

– Não estou na lista – murmurei.

– Nem eu.

Um sorriso radiante. Saí da fila. Percebi os olhares invejosos das garotas com roupas curtas demais e dos rapazes com gel demais nos cabelos.

– Ela está comigo.

A montanha de músculos junto à porta levantou a corda.

– Bem-vindos – anunciou.

Viktor pegou minha mão e me levou para dentro da escuridão. Contornos de pessoas, luzes de todas as cores piscando, o baixo da música vibrando, corpos entrelaçados dançando. Paramos no final do longo balcão e Viktor cumprimentou o bartender.

– O que você quer beber? – perguntou ele.

Eu ainda tinha o gosto açucarado do licor na boca.

– Cerveja – respondi.

– Maneiro, adoro garotas que tomam cerveja. Questão de classe.

– Classe?

– Sim. Maneiro. Autêntico.

Ele me passou uma Heineken e ergueu a garrafa dele em um brinde. Eu sorri e tomei um gole.

– Qual é o seu sonho, Matilda?

– Ser alguém – respondi sem pensar.

– Mas você já é alguém, não é?

– Quero ser outra pessoa.

– Não vejo nada de errado em você.

Viktor deu uns passos de dança para o lado, balançando a cabeça no ritmo da música.

– Qual é o seu sonho?

– Meu sonho? Quero trabalhar com música.

Precisei me aproximar mais dele e levantar a voz para que me escutasse:

– Você é músico?

– Sou DJ, mas estou livre hoje. Amanhã eu trabalho e vou estar lá em cima.

Acompanhei o dedo dele. Em um pequeno palco colado à parede, atrás da aparelhagem de som, estava o rapaz que tinha chegado ali com Viktor, balançando no ritmo da música. Depois de um tempo, ele apareceu e se apresentou, dizendo se chamar Axel. Parecia amável e inofensivo.

– Prazer, Matilda – disse ele, estendendo a mão.

Fiquei pensando em como eles eram diferentes dos garotos de onde eu vinha. Eram educados, bem articulados. Axel pediu um drinque e desapareceu. Eu e Viktor brindamos novamente. Minha cerveja estava no final.

– Amanhã, antes de tocar, vai ter uma festa de uns amigos. Quer passar lá?

– Talvez – respondi, olhando pensativa para ele. – Por que me chamou para entrar com você?

Terminei a cerveja, deixando claro que era o último gole, na esperança de que ele me oferecesse mais uma. Ele pediu. Uma para mim e uma para ele. Depois respondeu à minha pergunta. Seus olhos azuis reluziam na escuridão.

– Porque você é bonita. E parecia estar sozinha. Está arrependida?

– Não, de jeito nenhum.

Ele apanhou um maço de Marlboro do bolso de trás da calça e me ofereceu um. Achei ótimo, porque assim meus cigarros durariam mais tempo. Não restava muito das 15 mil coroas que sobraram da venda da casa depois do pagamento das contas e da hipoteca.

Nossas mãos se tocaram quando ele acendeu o meu cigarro. A mão dele estava quente e bronzeada. Senti falta de seu toque no momento em que ele se afastou.

– Você tem olhos tristes, sabia? – disse ele, dando uma longa tragada no cigarro.

– Como assim?

– Parece ter uma tristeza em você. Acho bonito. Gente que está sempre alegre me entedia. Não fomos feitos para ser felizes o tempo todo, senão o mundo pararia.

Não respondi. Suspeitava que ele estivesse zombando de mim.

De repente, minha cabeça começou a girar por causa da bebida. Decidi tomar a iniciativa e me inclinei para a frente. Pus a mão na nuca dele e o aproximei do meu rosto. Uma atitude que

provavelmente me fez parecer mais segura do que realmente estava. Nossos lábios se encontraram. Ele tinha gosto de cerveja e de Marlboro e beijava bem. Suave, mas intenso.

– Vamos para a minha casa? – sugeriu.

Jack estava sentado à mesa da cozinha, de roupão azul-marinho, lendo *Dagens Industri*. Nem tirou os olhos do jornal quando Faye entrou, mas ela já estava acostumada com isso quando ele estava estressado. Levando em conta toda a responsabilidade que pesava sobre ele no trabalho e todas as horas que passava no escritório, ele merecia ficar em paz nas manhãs dos fins de semana.

O apartamento de 400 metros quadrados, resultado da junção de quatro apartamentos menores, parecia claustrofóbico quando Jack precisava ficar sozinho. Mesmo depois de tanto tempo, Faye ainda não sabia como se comportar naquelas ocasiões.

No carro, quando voltava de Lidingö, onde deixara Julienne na casa de uma amiguinha da escola, Faye aguardava com ansiedade as horas que passaria com Jack. Somente os dois. Poderiam ficar na cama vendo algum programa na televisão, que achariam vulgar e estúpido. Ela queria que Jack lhe contasse como tinha sido sua semana. Dar uma longa caminhada de mãos dadas pela ilha de Djurgården.

Conversar, como faziam antes.

Foi tirar o resto do café da manhã dela e de Julienne. O cereal tinha amolecido na tigela com iogurte. Ela odiava aquela textura pastosa e o cheiro azedo e reprimiu a náusea ao limpar a mesa.

Havia migalhas de pão espalhadas por toda a bancada da cozinha, e, lutando contra as leis da gravidade na beirada, equilibrava-se um sanduíche devorado pela metade que só não tinha caído porque o pão estava com o lado da manteiga para baixo.

– Você podia tentar deixar tudo limpo antes de sair – disse Jack sem tirar os olhos do jornal. – Vamos precisar de diarista até nos fins de semana?

– Desculpe – respondeu Faye, com o choro preso na garganta, enquanto passava um pano sobre a bancada. – Julienne queria sair logo. Estava fazendo muita pirraça.

Jack murmurou algo e continuou a ler o jornal. Ele tinha acabado de sair do banho depois de dar uma corrida. Estava cheiroso, com o mesmo Armani Code que usava quando se conheceram. Julienne tinha ficado desapontada por não encontrar o pai, mas ele havia saído para correr antes que ela acordasse e não voltara antes de Faye levá-la para a casa da amiguinha. Havia sido uma manhã difícil. Nenhuma das quatro alternativas de café da manhã oferecidas a Julienne a havia agradado, e vesti-la fora uma maratona penosa e cansativa.

Agora a pia estava finalmente limpa e não restava nenhum vestígio do conflito.

Faye pendurou o pano de limpeza e ficou observando Jack, sentado à mesa da cozinha. Apesar de ser alto, atlético, responsável, bem-sucedido e ter todos os atributos de um homem vitorioso, ele ainda era um garoto em muitos aspectos. Ela era a única pessoa que enxergava quem ele realmente era.

– Já está na hora de você cortar o cabelo, querido.

Ela estendeu o braço e pegou uma mecha de cabelo dele antes que Jack afastasse a cabeça.

– Não tenho tempo. Essa expansão é complicada e tenho que me concentrar ao máximo. Não tenho tempo de correr ao cabeleireiro a cada cinco minutos como você faz.

Faye se sentou na cadeira ao lado dele e apoiou as mãos nos joelhos, tentando se lembrar de quando fora ao cabeleireiro pela última vez.

– Quer conversar sobre isso?

– Sobre o quê?

– Sobre a Compare.

Lentamente, ele levantou o olhar do jornal e o dirigiu a Faye. Balançou a cabeça, soltando um suspiro. Ela se arrependeu de ter tocado no assunto. Se arrependeu de não ter continuado a limpar as migalhas da pia. Ainda assim, prosseguiu:

– Antes você queria...

Jack estremeceu, deixando o jornal de lado. Sua franja, alguns milímetros longa demais, caiu sobre o rosto e ele sacudiu a cabeça, irritado. Por que ela não podia continuar limpando a cozinha e deixá-lo em paz? Ser magra, bonita e agradável. Ele tinha trabalhado a semana inteira. Se ela o conhecia, sabia que ele se fecharia no escritório na torre para continuar a trabalhar, para o bem dela e de Julienne, para que tivessem uma vida boa. Porque esse era o objetivo deles. Não apenas dele. Dos dois.

– De que iria ajudar falar no assunto? Você não sabe mais nada sobre negócios. São produtos novos. Não podemos nos basear em atividades antigas.

Faye segurou a aliança de casamento, girando-a no dedo repetidas vezes.

Se ela não tivesse dito nada, eles talvez tivessem a manhã com a qual ela sonhara. Ela havia jogado essa oportunidade fora fazendo uma pergunta estúpida. E sabia que isso iria acontecer.

– Você ao menos lembra quem é o ministro da Economia? – perguntou ele.

– Mikael Damberg – respondeu ela instintivamente. Instintiva e corretamente.

Quando viu o olhar de Jack, se arrependeu. Por que não podia simplesmente ficar de boca fechada?

– Está bem. Uma nova lei vai entrar em vigor em breve. Você sabe qual?

Ela sabia, mas balançou a cabeça lentamente.

– É óbvio que não sabe – disse Jack. – É uma lei que obriga as empresas a avisar aos clientes, com um mês de antecedência, que suas assinaturas estão para vencer. Antes elas eram renovadas automaticamente. Você sabe o que isso significa?

Claro que ela sabia. Poderia fornecer os números exatos do que essa mudança significava para a Compare. Mas ela o amava. Estava lá sentada na sua cozinha de 1 milhão de coroas suecas, com seu marido que não passava de um garoto no corpo de um adulto, um homem que apenas ela conhecia bem e que amava acima de tudo. Então ela balançou a cabeça como se nada soubesse, em vez de dizer que a Leasando AB, uma empresa pequena de eletricidade que pertencia à Compare, perderia aproximadamente vinte por cento dos clientes cujas assinaturas eram renovadas automaticamente. Arredondando, podia-se dizer que teriam uma queda de 500 milhões por ano no faturamento. E de 200 milhões anuais no lucro.

Ela apenas balançou a cabeça.

E mexeu novamente na aliança.

– Claro que não sabe – disse Jack por fim. – Pode me deixar ler agora?

Ele levantou o jornal, retornando ao mundo de cifras, cotações, emissões e aquisições de empresas que ela havia estudado durante três anos na Faculdade de Economia de Estocolmo antes de desistir do curso. Por Jack. Pela empresa. Pela família.

Faye enxaguou o pano na água corrente, juntou com a mão os restos do cereal no ralo da pia e jogou no lixo. Escutou atrás de si o virar das páginas do jornal. Fechou a porta do armário cuidadosamente para não o perturbar.